

“Qual é o cúmulo...?” – arqueologia de uma sesquicentenária brincadeira infantil

Felipe Costa Oliveira¹

Marcela Milhomen Costa²

Sarah Souza Magalhães³

Sophia Castro Garcia⁴

Orientador: Alexandre Medeiros⁵

(Co) orientação: Joyce Ruiz da Silva⁶

(Co) orientação: David Augaitis Fogaça⁷

Resumo: Este artigo busca situar no tempo o surgimento, no Brasil (no final do século XIX), das conhecidas piadas de adivinha: “Qual é o cúmulo de...” e examina possíveis valores educativos a elas associados.

Palavras Chave: brincadeiras infantis. linguagem. piadas de cúmulo. história de piadas. Brasil.

Abstract: This article seeks to situate in time the emergence of the well-known “What is the height of...” riddles in Brazil (in the 19th century) and examines possible educational values associated with them.

Keywords: children's games. language. jokes of absurdity. history of jokes. Brazil.

Nota prévia

Nosso artigo se inspirou e pretende ampliar as pesquisas do dicionarista de expressões Jean Lauand, que se concretizaram em dois breves verbetes que ele dedicou ao tema. Reproduzimos ambos em Anexo, ao final deste artigo.

1. Datação de uma antiga brincadeira infantil

Esta pesquisa foi realizada no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (abrev.: BN), como parte de um projeto que examina o lúdico em expressões brasileiras.

¹ Aluno do 3º. Médio do Colégio Luterano de São Paulo - <https://www.luterano.com.br/>

² Aluna do 1º. Médio do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

³ Aluna do 2º. Médio do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

⁴ Aluna do 3º. Médio do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

⁵ Pós – Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP; Diretor Acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

⁶ Pós - Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional – FMU; Especialista em Produção de Texto – PUC/SP; Professora do Centro de Estudos Júlio Verne – www.julioverne.com.br

⁷ Pós – Doutor em Física pela Universidade de São Paulo – IFUSP. Professor do Colégio Luterano de São Paulo.

Na tendência retórica ao exagero, hoje se usa (e se abusa...) do advérbio “extremamente”, mesmo que a situação não seja tão extrema. No século XIX, a preferência da linguagem era – para o bem e para o mal – para “o cúmulo”. Um par de exemplos entre mil:

Tú para mim, e em minha casa, és o cumulo da felicidade. (Diario de Pernambuco, 11-11-1863).

[Maus soldados não compreendem que sua missão] é velar pela segurança dos habitantes e que é o cumulo da infamia trocar esse dever pelo papel de ladrão de seus concidadãos. (Diario do Rio de Janeiro, 11-03-1865)

O dia 22 de maio de 1879 assinala a primeira (de inúmeras) aparições na BN da expressão “Qual é o cúmulo de...?” (na carioca “Gazeta de Noticias”), marcando assim, muito provavelmente, o surgimento em nossa imprensa de um tipo de piada, que persiste vigorosamente até hoje.

Ante tantos “cúmulos” da retórica da época (sobretudo no campo político), o povo (e os jornais) resolvem fazer troça com esse hábito e inventam cúmulos jocosos, jogando com a linguagem e, engenhosamente, propondo adivinhas que beiram o *nonsense*.

A hipótese de que a data acima referida é a do nascimento da piada é corroborada pelo fato de que, pouco depois, essas adivinhas começam a comparecer em outros órgãos de nossa imprensa, como mostra pesquisa na BN, sendo que, como dissemos, nunca antes a expressão “Qual é o cúmulo de...?” fora registrada na imprensa nacional.

O tipo de piada é, pois, já sesquicentenário e sua estreia deu-se com as seguintes peças, as primeiríssimas entre nós:

Qual é o cumulo da castidade?
Não acariciar nada, nem mesmo uma chiméra.
(“Gazeta de Noticias” - RJ, 22-05-1879).

Qual é o cumulo da incredulidade?
Não acreditar nem mesmo nas suas mais sinceras affirmativas!
(“Gazeta de Noticias” - RJ, 22-05-1879).

Nas semanas e meses seguintes, esse mesmo jornal insistirá frequentemente nas “piadas de cúmulo” (até a edição de 19-12-1879, além de um par de ocorrências na década de 1890!), que caíram no gosto dos leitores. Mais um exemplo:

Qual é o cumulo da ironia?
Ir d’aqui a Constantinopla e perguntar a um eunucho: “Como vão os seus filhos?”
(“Gazeta de Noticias” - RJ, 24-05-1879).

Note-se que nesses 3 primeiros exemplos já aparecem os dois tipos de piada de cúmulo. Chamemos de **Tipo 1** as que lidam com expressões tradicionais da linguagem; e de **Tipo 2** as que não o fazem, mas lidam só com engenhosidade.

Assim, a primeira é do Tipo 1 e joga com a expressão, corrente na época, “acariciar quimeras” (alimentar sonhos impossíveis) e a última, do Tipo 2, trabalha só com lógica: um eunuco (do Império Otomano da época) é incapaz de ter filhos.

Sob essa distinção (Tipo 1 e Tipo 2), há um potencial pedagógico singular para o ensino da língua, uma vez que as piadas de Tipo 1 exigem, pelo menos, uma fundamentação básica de conceitos culturais, além de um determinado domínio de metáforas e expressões que auxiliam no entendimento, quanto mais enraizados tiverem se tornado na jornada acadêmica. As de Tipo 2, no entanto, representam um lado totalmente diferente, mas conectado intrinsecamente com a língua (até mesmo ocasionando confusão na hora de distinguir entre uma e outra classe) e aquele que demonstra a sua vivacidade, o lado que permanece presente mesmo sem o reconhecimento imediato do que compõe a piada: a interpretação – ela abre espaço para discussões acerca de contextos históricos e lógica formal.

Cada categoria apresentou uma face linguística na forma de uma “peculiaridade”. Tudo isso em uma brincadeira aparentemente trivial e antiga. E, mesmo assim, quando se as observa de uma perspectiva educacional, percebe-se um enorme potencial, principalmente ao relembrar e destacar que piadas de cúmulo são exatamente isto: um *passatempo*, um jogo, uma brincadeira. Utilizar-se dessa dualidade (encontrada aqui) permite que o processo educativo recorra ao humor como uma ponte para o pensamento crítico, transformando o riso em um exercício de raciocínio interpretativo (o que, por ser associado a esse sentimento de diversão, já costuma prender a atenção).

A favor de nossa hipótese de datação no Brasil, está o fato de que o acervo da BN (que além de órgãos da imprensa brasileira, abrange também alguns jornais lusitanos) traz também uma sugestiva notícia de Portugal, país com o qual muito nos relacionávamos. Na edição de 23 de dezembro de 1879 (o ano do surgimento da piada no Brasil!), encontramos, no lisboeta “Jornal da Noite”, uma interessante nota, falando que essas adivinhas já haviam se tornado autêntica febre naquele país e publica um desabafo:

Oliver de Jolin embirra muito com a mania dos cumulos. Passeando ha dias n’uma rua, encoutra Chartren que lhe pergunta:
— Meu caro Oliver, sabe qual o cumulo da tolice?
— É procura-lo!
(Jornal da Noite – Lisboa, 23-12-1879)

Está é uma piada de tipo 2, pois ela exige que o leitor compreenda o conceito abstrato de “tolice” e perceba a ironia da situação: se alguém busca pela definição máxima de tolice, essa busca em si já é uma prova dela. Uma resposta auto-explicativa, com uma pitada de reflexão. Por último, nota-se, também, que ela não fez o uso de um trocadilho com uma expressão linguística específica, que caracteriza a categoria 1.

Piadas como essa podem ser aplicadas como demonstração do conceito de paradoxo ou autorreferência, o pensamento se dobrando sobre si mesmo. Além de que, por ser de 1879, mostra o ponto deste artigo: a estrutura do cúmulo é um gênero de humor secular e suporta ser manuseada como fonte primária para estudar o cotidiano e a linguagem do século XIX e como, antes mesmo de se tornar brincadeira infantil, elas já eram sofisticadas. Outro exemplo excelente disso:

O CUMULO DA SENSIBILIDADE

— Um sujeito desfaz-se em pranto por ver expirar o prazo que lhe fora concedido para pagar sua dívida!

(Gazeta de Notícias – RJ, 29-05-1879)

A graça, dessa vez, está no verbo “expirar”, que no contexto financeiro indica o final de um prazo e no contexto do “sensível” age como sinônimo para morrer. Desse entendimento, compreende-se também que o “sujeito sensível” está chorando por tratar o prazo como se fosse um ser vivo que morreu, ao invés de por ser cobrado ou ficar sem dinheiro. Em suma, essa piada subverte a ideia de sensibilidade — que deveria ser empatia por pessoas — e a aplica a um contrato financeiro.

Semelhantemente a análise feita da piada anterior, essa brincadeira também tem seu valor pedagógico: ela serve perfeitamente para exemplificar como uma *única* palavra pode mudar o significado de uma frase ao se considerar o contexto. Nessa variação semântica, o riso vai aparecer na confusão de categorias, ao tratar o jurídico como sensível.

2. Uma piada internacional e seus dois tipos

Com a simultaneidade Brasil-Portugal que acabamos de apontar, é muito provável que tenhamos importado dos lusitanos esse estilo de piada-adivinha, que existe também em outros países e línguas, como exemplificamos a seguir.

Assim, encontramos essas mesmas piadas em francês⁸, como por exemplo:

Quel est le comble pour un coq?
Avoir la chair de poule.
(Qual é o cúmulo para um galo?)
Ter “pele de galinha”
[“Pele de galinha” (*chair de poule*) é expressão para indicar que alguém ficou arrepiado de emoção]

Em espanhol⁹:

¿Cuál es el colmo de una azafata?
Enamorarse del piloto automático.
(Qual é o cúmulo para uma comissária de bordo?)
Apaixonar-se por um piloto automático)

¿Cuál es el colmo de un periodista?
Que lo aplaste una rueda de prensa.
(Qual é o cúmulo para um jornalista?)
Ser esmagado por uma coletiva (“roda”) de imprensa)

Em inglês¹⁰:

⁸ <https://www.topito.com/top-blaques-quel-est-le-comble-pour> - acesso 01/07/2026

⁹ <https://www.elperiodico.com/es/extra/20230922/chistes-colmos-dv-87267680> - acesso 01/07/2026

¹⁰ <https://jokojokes.com/height-jokes.html> - acesso em 01/07/2026

What's the height of loneliness?
Every time after sneezing, I say “God bless me”
(Qual é o cúmulo da solidão?
Toda vez que eu espirro, ser eu mesmo quem diz: “Saúde!” – no
original: “que Deus me abençoe!”)

Em italiano:

Qual è il colmo per un pastore?
Essere la pecora nera della famiglia.
(Qual é o cúmulo para um pastor?
Ser a ovelha negra da família).
<https://www.robby1968.altervista.org/page/colmi/p.htm>

3. A piada na imprensa brasileira, ontem e hoje

Das piadas de cúmulo publicadas pela “Gazeta de Noticias” no ano fundacional de 1879, apresentamos uma seleção de amostra tanto do tipo 2 (mera engenhosidade) como das do Tipo 1, as que jogam com o duplo sentido de expressões e frases feitas¹¹.

O cumulo do asseio
Não limpar os dentes para não sujar a escova. (27-05-1879)

O cumulo da preguiça
Um sugeito cançado de viver, chamar um criado e ordenar-lhe que o suicide. (28-05-1879)

O cumulo da distracção
Um sugeito que vai em um bond tirar o lenço do bolso do vizinho da direita e assoar com elle o nariz do vizinho da esquerda. (01-06-1879)

O cumulo da pericia d’um medico occulista
Ir ao Niagara e extrahir-lhe a catarata. (17-06-1879)

O cumulo do republicanismo
Ter um olho em terra de cegos e não querer ser rei. (24-06-1879)
[joga com o provérbio, muito conhecido na época: “Em terra de cegos, quem tem um olho é rei]

O cumulo do amor proprio
Cahir em si. (15-07-1879) [“deixar de estar distraído; ficar consciente da própria condição; reconhecer os próprios erros; etc. (Houaiss)]

O cumulo da distracção
Um sugeito petender entrar em casa e metter a chave do trinco na porta ottomana. (18-07-1879) [“porta otomana” era a designação corrente do governo do império otomano da época]

¹¹.Segue um conjunto de citações tomadas da Gazeta de Notícias de 1879. Obtidas sucessivamente a partir das ocorrências são 104/284:
https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_01&Pesq=cumulo&pagfis=5712 – acesso 13/04/2026.

O Cumulo da arte dentaria
O Faria (?) extrair o dente do siso da boca da noite. (18-07-1879)
[“Boca da noite”, expressão que significa o começo da noite]

O cumulo da devoção
Confessar-se a um frade de pedra. (24-07-1879) [“frades de pedra” são aqueles pilares redondos fixados no chão para impedir a passagem de veículos]

O cumulo da gulodice
- Ir a Roma comer papas [mingau]. (26-07-1879)

O cumulo da avareza
- Não se mirar ao espelho com medo de o gastar. (27-07-1879)

O cumulo do polyglotismo
- Aprender hebraico com a burra de Balaão [que, na Bíblia, falou]. (27-07-1879)

Da imprensa contemporânea, apresentamos uma seleção de amostra, extraída da imensa lista do “Expresso Popular”, que as publicou a partir de 06-08-2007¹²:

O cúmulo da safadeza?
Dar em cima da secretária eletrônica. (06-08-2007)

Qual o cúmulo da vaidade?
Engolir flores para colocar nos vasos sanguíneos. (27-12-2007)

Qual é o cúmulo da revolta?
Morar sozinho e fugir de casa (06/08/2007)

Qual o cúmulo da força?
Dobrar uma esquina (27/12/2007)

Qual é o cúmulo da curiosidade?
Olhar a fechadura de uma porta de vidro (27/12/2007)

Qual o cúmulo do absurdo?
Passar manteiga no Pão de Açúcar (02 e 03/02/2008)

Qual é o cúmulo da amizade?
Ser amigo da onça (02 e 03/02/2008)

Qual é o cúmulo da sorte?
É ser atropelado por um carro de funerária (22/05/2009)

Qual é o cúmulo da confiança?
Jogar palitinho pelo telefone (29/06/2010)

¹²<<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=893978&pasta=ano%202000&pesq=%22qual%20%C3%A9%20o%20c%C3%BAculo%22&pagfis=84066>> acesso em 01/07/2026

Qual é o cúmulo da confiança?
Jogar palitinho pelo telefone (29/06/2010)

Qual é o cúmulo do ciúme?
Brigar com a mulher porque só um dos gêmeos se parece com o pai
(29/06/2010)

Qual é o cúmulo da burrice?
Abrir a caneta para ver as letrinhas (29/06/2010)

Qual é o cúmulo da desconfiança?
Fazer compras e não poder pagar nem em dinheiro (29/06/2010)

Qual é o cúmulo da rebeldia?
Fugir de casa quando se mora sozinho! (16/08/2010)

Qual é o cúmulo da organização?
Tomar sopa de letrinhas em ordem alfabética! (16/08/2010)

Qual é o cúmulo da má pontaria?
Atirar uma pedra no chão e errar! (16/08/2010)

Qual é o cúmulo da rapidez?
Dar uma volta no quarteirão e encontrar com suas costas (13/01/2014)

Qual é o cúmulo da idiotice?
Dois carecas brigando por um pente (14/01/2014)

Qual é o cúmulo da lerdeza?
Apostar corrida sozinho e chegar em segundo (12/03/2014)

Qual é o cúmulo do regime?
Tomar caldo de cana com adoçante (28/04/2014)

Qual é o cúmulo da visão?
Derrubar 10 lutadores com apenas um golpe de vista (18 e 2/01/2014)

Qual é o cúmulo do absurdo?
O mudo dizer para o surdo que o cego viu o aleijado correr (18 e 2/01/2014)

Qual é o cúmulo do egoísmo? Não vou contar, só eu sei! (19 e 3/01/2014)

Qual é o cúmulo da economia?
Tirar cera do ouvido e passar no chão (19 e 3/01/2014)

Qual é o cúmulo da maldade?
Colocar uma tachinha no assento da cadeira elétrica.” (20 e 4/01/2014)

Qual o cúmulo da incompetência?
Ser reprovado no exame de fezes (21 e 6/01/2014)

Qual é o cúmulo da pobreza? Vender a camisa para comprar sabão para poder lavá-la (22 e 7/01/2014)

Qual é o cúmulo da amnésia?
é... putz, esqueci! (23 e 8/01/2014)

Qual é o cúmulo da força?
Amarrar o tênis com âncora de navio (24 e 9/01/2014)

Qual é o cúmulo da traição?
Suicidar-se com punhalada nas costas (24 e 9/01/2014)

Qual é o cúmulo da rapidez?
Trancar a gaveta e colocar a chave dentro (25 e 10/01/2014)

Qual é o cúmulo do basquete?
Jogar a bola na cesta e acertar no sábado (26 e 11/01/2014)¹³

Qual é o cúmulo da sorte?
Ser atropelado por uma ambulância (26 e 11/01/2014)

Qual é o cúmulo da incompetência?
Deixar o bichinho virtual escapar! (16/12/2010)

Qual o cúmulo da burrice? (26 e 27/05/2012)
Tirar par ou ímpar com o espelho (26 e 27/05/2012)

Qual é o cúmulo de um bombeiro?
Ter uma esposa ardente (20 e 21/07/2013)

Qual é o cúmulo da preguiça?
Acordar mais cedo pra ficar mais tempo sem fazer nada (28 e 29/09/2013)

Considerações finais: uma dimensão pedagógica - palavras/expressões de duplo sentido

Ao final deste nosso percurso, recolhemos alguns resultados modestos, mas gratificantes. Conjecturamos que as piadas de cúmulo surgiram como resposta jocosa ao fato de que, na época, essa palavra estava muito em voga e se abusava dela sobretudo no discurso político.

Além do lúdico, há um aspecto pedagógico nas piadas do cúmulo: chamar a atenção para o fato (em geral inadvertido) do caráter metafórico e do múltiplo sentido das palavras em nossa língua e em outras. E para o possível fundamento dessas “transferências”. Como vimos, no século XIX havia o “acariciar” de quimeras, e encontramos “frades” que são pedra na rua, “catarata” no olho etc. Ficar arrepiado em francês é ter “carne de galinha”; em italiano também se diz que uma pessoa é a

¹³. Utilizando a paronímia entre as palavras “cesta”, associada ao objeto onde se marcam pontos no basquete, e “sexta”, abreviação de “sexta-feira”, dia da semana, a piada ocorre no jogo de palavras. Na frase, a palavra “cesta”, na verdade, é interpretada como o dia da semana pela semelhança sonora, e por isso, se fala que a bola passou sobre sábado, o dia seguinte de sexta-feira. A construção provoca um tom irônico e ambíguo para a frase.

“ovelha” negra da família etc. Nesse sentido, uma proveitosa atividade em sala de aula, bem que poderia ser, convocar os alunos a criarem eles mesmos, seus “cúmulos”.

Na pesquisa, além de aprender a lidar com a poderosa ferramenta Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, ela nos permitiu atingir o (inesperado) resultado da datação do surgimento das “brincadeiras de cúmulo” em nossa imprensa: 22 de maio de 1879. Uma pequena, mas original contribuição histórica.

ANEXO

Dois verbetes de Lauand

No artigo: “*Algumas expressões nossas: sentido e datação*” está o mais recente estudo de Lauand (2026) sobre o cúmulo:

(Qual é o) Cúmulo?

São frequentes, ainda hoje, aquelas piadinhas mais ou menos infames de cúmulo: “Qual é o cúmulo da rapidez? Trancar a veta e colocar a chave dentro”, “Qual é o cúmulo da confiança? Jogar palitinho pelo telefone”. Essas brincadeiras são muito antigas e remontam ao século XIX. Aqui apresentaremos uma seleção extraída do *Jornal Pequeno*, de Recife (PE), que a partir de 27 de julho de 1898 apresentou a coluna “Cumulos” em sua seção “Humorismo”.

Um aspecto interessante para o pesquisador é o de muitas dessas piadas jogarem com o sentido duplo ou metafórico de expressões da época, algumas enigmáticas para nós, pois ligadas a formas caídas em desuso, como quando hoje dizemos: “Qual é o cúmulo da higiene? Lavar a alma” ou “Qual o cúmulo da visão? Derrubar dez lutadores com apenas um golpe de vista”.

Passemos então a uma amostra de cúmulos apresentados pelo *Jornal Pequeno* em 1898:

Cúmulo da devoção – Ouvir missa dita por um frade de pedra [pilar fixado no chão para impedir a passagem de veículos ou para amarrar as rédeas dos animais].

Cúmulo do caiporismo – Ter uma sogra [de nome] perpetua.

Cúmulo da gulodice – Comer o Pão de Assucar.

Cúmulo do equilíbrio – Construir castellos no ar.

Cúmulo da segurança – Passar na rua do Sebo sem escorregar.

Cúmulo da força physica – Partir os raios com a mão.

Cúmulo da dextreza – Dar um tiro numa historia.

Cúmulo da ortographia – Por ponto de theatro no final de uma oração.

Cúmulo do luxo – Um capitalista mandar enfeitar os vestidos da esposa com as rendas de seus capitaes.

Cúmulo da fome – Roer coirana [arbusto de odor esagradável].

Cúmulo da religião – Ouvir missa na capella dos olhos.

Cúmulo da agilidade – Trepas aos cornos da lua.

No artigo “*O verdadeiro significado do enigmático Pirulito que bate, bate e outras incursões arqueológicas na imprensa brasileira*”, está o outro estudo mais antigo do mesmo Lauand (2022):

Qual é o cúmulo...?

– Muito tradicionais no Brasil, as piadas de cúmulo são também (quase) sesquicentenárias na BN. Alguns exemplos de nossos dias. Qual é o cúmulo:

... da confiança? Jogar palitinho por telefone.
... do absurdo? O mudo dizer para o surdo que o cego viu o aleijado correr.
... da amnésia? É... putz, esqueci!
... da organização? Tomar sopa de letrinhas e depois expelir em ordem alfabética.

Sua aparição na BN data de 1879, em várias incidências em jornais cariocas: “Jornal do Commercio”, “Jornal da Tarde”, e “Gazeta de Noticias”. Algumas amostras: “Qual é o cúmulo...”:

... da arte do oculista? Ir ao Niagara e extrahir-lhe a catarata.
... da amolação [aborrecimentos]? Amollar as canellas [apressar-se].
... da filança? Ser fumante e não comprante [filar um cigarro é pedi-lo a outrem]
... da castidade? Não acariciar nada; nem mesmo uma chiméra.

A consciência de que essas piadas eram abundantes (“moda”) e por vezes “infames”, seu autor no “Jornal da Tarde” (02-10-1879) inclui esta, zombando dos próprios “cumulistas”:

Qual o cumulo dos cumulos dos cumulistas da moda? Reunir todos os cumulos impressos e formar com elles o cumulo da asneira.

Os “cúmulos” andavam tão na moda que, ainda em 1879, o “Jornal da Tarde” divulga um concurso que oferece bons prêmios a quem der a resposta “com mais espirito” a 7 perguntas de cúmulo propostas. (...)

Referências Bibliográficas

LAUAND, Jean. *Algumas expressões nossas: sentido e datação*, Revista Internacional d’Humanitats N. 68 set-dez 2026 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona, 2026

LAUAND, Jean. *O verdadeiro significado do enigmático “Pirulito que bate, bate” e outras incursões “arqueológicas” na imprensa brasileira*, Revista Internacional d’Humanitats 56 set-dez 2022 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona, 2022

Recebido para publicação em 05-07-26; aceito em 09-08-26